

## **CORPUS DE FALA TRANSCRITO – TRANSCRIÇÃO FONÉTICA**

### **Campo transcrição**

Para o tratamento em *mainframes*, a fim de representar o contínuo das enunciações orais como uma sequência de unidades discretas, desenvolvemos uma notação especial de transcrição fonética para o computador, aproveitando todas as letras e multiplicando os meios de representação pelo uso de algarismos e de outros sinais disponíveis na cadeia de impressão do sistema automático de processamento de dados que utilizamos. Por especificar alofones da língua, trata-se de uma transcrição fonética alofonêmica, ou, na terminologia de Coseriu, transcrição normofonética, ou, ainda, na terminologia dos gerativistas, transcrição fonética sistemática<sup>1</sup>. A sílaba tônica é marcada com um apóstrofo a ela antecedente. No campo *juntura*, anotamos, por códigos, a pausa efetivamente realizada na fala (código 01) e o comportamento de diferentes manifestações de encontros fônicos que se dão na juntura intervocabular, ou seja, nos limites de duas ou mais fronteiras de palavras. Foram registradas com diferentes categorias de encontros fônicos lexicais (códigos de 2 a 101).

Nas novas Bases, foram utilizados os caracteres do *Alfabeto Fonético Internacional*, conforme tabelas apresentadas abaixo, mantendo-se as anotações de pausas e de categorias de juntura. A tarefa de conversão dos símbolos utilizados em *mainframes* para o processamento em PC também demandou tempo e atenção.

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes da codificação para a transcrição fonética em *mainframes*, consultar Zapparoli, v.1, t.1, 1980:110-133.

**Tabela – Símbolos Fonéticos Utilizados - Extraídos do *Alfabeto Fonético Internacional* (revisão 2005)**

<b>CONSOANTES (corrente de ar pulmonar)</b>										
Modo de articulação	Zonas de articulação									
	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Plosiva (Oclusiva)	<b>p b</b>			<b>t d</b>				<b>k g</b>		
Nasal	<b>m</b>			<b>n</b>			<b>ɲ</b>			
Vibrante				<b>r</b>					<b>ʀ</b>	
Tepe (flepe, vibrante simples)				<b>ɾ</b>		<b>ɽ</b>				
Fricativa		<b>f v</b>		<b>s z</b>	<b>ʃ ʒ</b>			<b>x</b>		<b>h</b>
Aproximante (glides ou semivogais)							<b>j</b>	<b>w</b>		
Aproximante lateral				<b>l</b>			<b>ʎ</b>			

Nos pares de símbolos, o símbolo da direita representa uma consoante sonora (ou vozeada).

<b>CONSOANTES (corrente de ar não-pulmonar)</b>	
clique dental	<b>ɽ</b>

<b>CONSOANTES PALATALIZADAS</b>	
Modo de articulação	Zonas de articulação
	Alveolar palatalizada
Plosiva (Oclusiva)	<b>ɟ ɢ</b>

<b>CONSOANTES AFRICADAS</b>	
Modo de articulação	Zona de articulação
	Pós_Palatal
Plosiva (Oclusiva) + Fricativa	<b>ʈ ɟ͡ʝ</b>

## CONSOANTE VELARIZADA

Modo de articulação	Zona de articulação
	velarizada
Aproximante lateral	ɭ

## VOGAIS ORAIS

Graus de abertura da boca / Graus de altura da língua	Posições da língua / Protusão Labial		
	Anterior / Não-arredondado	Central	Posterior / Arredondado
Fechado (alto)	<b>i</b>		<b>u</b>
Semifechado (médio-alto)	<b>e</b>		<b>o</b>
Semiaberto (Médio-Baixo)	<b>ɛ</b>		<b>ɔ</b>
Aberto (Baixo)	<b>a</b>		

## VOGAIS NASALIZADAS

Graus de abertura da boca / Graus de altura da língua	Posições da língua / Protusão Labial			
	Anterior / Não-arredondado		Posterior / Arredondado	
	Nasalizado para +	Nasalizado para - (levantado)	Nasalizado para +	Nasalizado para - (levantado)
Fechado (alto)	<b>ĩ</b>	<b>ᶦ</b>	<b>ũ</b>	<b>ᶤ</b>
Semifechado (médio-alto)	<b>ẽ</b>	<b>ᶛ</b>	<b>õ</b>	<b>ᶞ</b>
Aberto (Baixo)	<b>ã</b>	<b>ᶑ</b>		

## GLIDES (OU SEMIVOGAIS)

Graus de abertura da boca / Graus de altura da língua	Posições da língua / Protusão Labial		
	Anterior / Não-arredondado	Central	Posterior / Arredondado
Fechado (alto)	<b>j</b>		<b>w</b>
Fechado (alto) – nasalizado	<b>ᶞ</b>		<b>ᶯ</b>
Meio-Fechado (médio-alto) - abaixado	<b>ɥ</b>		<b>ɥ̹</b>
Meio-Aberto (Médio-Baixo) - abaixado			
Aberto (Baixo)			

DIACRÍTICOS	
ã	nasalizado
ẽ	nasalizado
ĩ	nasalizado
õ	nasalizado
ũ	nasalizado
a	levantado
e	levantado
i	levantado
o	levantado
u	levantado
j	abaixado
w	abaixado

SUPRASEGMENTAL	
'	Acento primário

Para melhor esclarecer os símbolos fonéticos utilizados, apresentamos a tabela seguinte, em que os símbolos fonéticos, com os valores que lhes são atribuídos de acordo com o alfabeto da *International Phonetic Association*, estão acompanhados de ilustração fonética e ortográfica.

**Tabela – Símbolos Fonéticos Utilizados – Ilustração**

Símbolo Fonético	Valor	Ilustração	
		Fonética	Ortográfica
p	consoante plosiva, bilabial, surda	'pajs	país
b	consoante plosiva, bilabial, sonora	'bɛ lu	belo
t	consoante plosiva, alveolar, surda (A)	'ti ja	tia
ʈ	consoante plosiva, alveolar palatalizada, surda (A)	'tʃi ja	tia
tʃ	consoante africada, pós-alveolar, surda (A)	'tʃi ja	tia
d	consoante plosiva, alveolar, sonora (A)	'di ja	dia
ɖ	consoante plosiva, alveolar palatalizada, sonora (A)	'dʒi ja	dia
dʒ	consoante africada, pós-alveolar, sonora (A)	'dʒi ja	dia
k	consoante plosiva, velar, surda (B)	'ka ma	cama
g	consoante plosiva, velar, sonora (B)	'ga du	gado

Símbolo Fonético	Valor	Ilustração	
		Fonética	Ortográfica
<b>f</b>	consoante fricativa, labiodental, surda	'fa ma	fama
<b>v</b>	consoante fricativa, labiodental, sonora	'vaw sa	valsa
<b>s</b>	consoante fricativa, alveolar, surda (C)	'sĩ ku	cinco
<b>z</b>	consoante fricativa, alveolar, sonora (C)	'ka za	casa
<b>ʃ</b>	consoante fricativa, pós-alveolar, surda	ʃu 'ʃu	chuchu
<b>ʒ</b>	consoante fricativa, pós-alveolar, sonora	'ʒẽ ʒi	gente
<b>l</b>	consoante aproximante lateral, alveolar, sonora	'lej ga	leiga
<b>ɫ</b>	consoante aproximante lateral, velarizada, sonora (D)	le 'gaɫ	legal
<b>ʎ</b>	consoante lateral, palatal, sonora (E)	'fi ʎu	filho
<b>r</b>	consoante tepe, alveolar, sonora (F)	'ka ru	caro
<b>ɽ</b>	consoante tepe, retroflexa, sonora (F)	'ka ɽu	caro
<b>ʀ</b>	consoante vibrante, alveolar, sonora (F)	'ka ru	carro
<b>x</b>	consoante fricativa, velar, surda (ou sonora) (F)	'ka xu	carro
<b>ʀ</b>	consoante vibrante, uvular, sonora (F) (H)	'ka ru	carro
<b>h</b>	consoante fricativa, glotal, surda (ou sonora) (F) (H)	'ka hu	carro
<b>m</b>	consoante nasal, bilabial, sonora	'mar ka	marca
<b>n</b>	consoante nasal, alveolar, sonora	na' da	nada
<b>ɲ</b>	consoante nasal, palatal, sonora (i)	ma' ɲã	manhã
<b>ɟ</b>	clique dental (J)	ɟi	tsi
<b>j</b>	vogal assilábica (consoante aproximante - glide ou semivogal) palatal, sonora, tipo de i - fechado (K)	'paj	pai
<b>ɟ̞</b>	vogal assilábica (consoante aproximante - glide ou semivogal) palatal, tipo de e + fechado (K)	'paɟ̞	pai
<b>w</b>	vogal assilábica (consoante aproximante - glide ou semivogal) velar, tipo de u - fechado (K)	'paw	pau
<b>ɥ</b>	vogal assilábica (consoante aproximante - glide ou semivogal) velar, tipo de o + fechado (K)	'paɥ	pau
<b>ĩ</b>	vogal assilábica (consoante aproximante - glide ou semivogal) palatal, nasalizada (K)	'tẽĩ'	tem
<b>ũ</b>	vogal assilábica (consoante aproximante - glide ou semivogal) velar, nasalizada (k)	'mãũ	mão
<b>i</b>	vogal silábica anterior (não-arredondada), fechada (alta) (L)	'i ja	ia
<b>u</b>	vogal silábica posterior (arredondada), fechada (alta) (L)	'u va	uva
<b>e</b>	vogal silábica anterior (não-arredondada), semifechada (médio-alta) (L)	'e li	ele
<b>o</b>	vogal silábica posterior (não-arredondada), semifechada (médio-alta) (L)	'o su	osso

Símbolo Fonético	Valor	Ilustração	
		Fonética	Ortográfica
ɛ	vogal silábica anterior (não-arredondada), semi-aberta (médio-baixa) (L)	'ɛ la	ela
ɔ	vogal silábica posterior (arredondada), semi-aberta (médio-baixa) (L)	'ɔ ra	hora
a	vogal silábica anterior (não-arredondada), aberta (baixa) (L) (M)	'a tu	ato
ĩ	vogal silábica anterior (não-arredondada), fechada (alta) nasalizada para + (N)	'ĩ du	indo
ũ	vogal silábica posterior (arredondada), fechada (alta) nasalizada para + (N)	'jũ tu	junto
ẽ	vogal silábica anterior (não-arredondada), semifechada (médio-alta), nasalizada para + (N)	'ẽj tri	entre
õ	vogal silábica anterior (não-arredondada), semifechada (médio-alta), nasalizada para + (N)	'õ da	onda
ã	vogal silábica anterior (não-arredondada), aberta (baixa), nasalizada para + (N)	'ã du	ando
ĩ̇	vogal silábica anterior (não-arredondada), fechada (alta) nasalizada para - (O)	'mĩ̇ ja	minha
u̇	vogal silábica posterior (arredondada), fechada (alta) nasalizada para - (O)	'u̇ ni ku	único
ẽ̇	vogal silábica anterior (não-arredondada), semifechada (médio-alta), nasalizada para - (O)	'ẽ̇ nju	Ênio
õ̇	vogal silábica anterior (não-arredondada), semifechada (médio-alta), nasalizada para - (O)	'õ̇ ni bus	ônibus
ã̇	vogal silábica anterior (não-arredondada), aberta (baixa), nasalizada para - (O)	'ã̇ nu	ano

- (A) Distinguimos os alofones do fonema /t/ – [t], [t̚], [tʃ] – e do fonema /d/ – [d], [d̚], [dʒ] –, por tratar-se de um caso de cruzamento entre variantes livres e posicionais : [t̚] e [tʃ], como [d̚] e [dʒ], só podem ocorrer antes de vogais palatais – [i] ou [j] –, contexto em que também [t] e [d] são registrados; portanto, nesse contexto, há variação livre para os três sons do fonema /t/ e do fonema /d/.
- (B) Os três sons de /k/ e de /g/, diferentes quanto à zona de articulação, são representados, respectivamente, pela mesma letra k e g. Isso, porque a nossa transcrição não registra os *alofones estritamente contextuais*: sendo variações fonéticas previsíveis, a sua inclusão não se apresenta como relevante, por não acrescentar nenhuma informação.

- (C) Os sons [s], [ʃ], [z], [ʒ], quando em posição final de sílaba, antes de consoante, constituem outro exemplo de cruzamento de variantes livres e combinatórias: [s] e [ʃ], como alofones livres, só podem ocorrer antes de segmento [- sonoro], enquanto que [z] e [ʒ] registram-se antes de [+ sonoro], ou seja, o sinal do traço [sonoro] é atribuído ao segmento incompletamente especificado (arquifonema, na terminologia estruturalista), que representa, em nível de abstração, essas quatro articulações, de acordo com o sinal do mesmo traço da consoante seguinte; no final de palavra, antes de pausa, esse segmento especifica-se como [- sonoro]. Como curiosidade: em todo o corpus, anotamos apenas três ocorrências de [ʃ] substituindo [s] em posição inicial de sílaba – [a 'ʃi] (assim), ['ʃej] (sei), ['ʃo] (só); uma ocorrência de [ʒ] em lugar de [z] – [i'ʒisti] (existe) e uma de [z] substituindo [ʒ] – ['za] (já).
- (D) A inclusão do alofone *lateral velarizado* – [ɫ] – justifica-se, por tratar-se, no contexto onde ele pode ocorrer – subsequente à vogal – de um caso de *cruzamento de variantes livres e contextuais*: esse alofone só pode figurar nesse contexto, mas registram-se outras ocorrências que o substituem, também alofonicamente, como a *vogal assilábica velar* – [le'gaw] –, a *consoante vibrante simples alveolar* – [le'gar] –, a *consoante vibrante simples retroflexa* – [le'gaɾ]. Assim sendo, a sua presença não é automática, por não ser determinada exclusivamente pela ambiência, mas depender, também, do indivíduo e mesmo da ocasião.
- (E) A consoante lateral palatal – [ʎ] – é, por vezes, substituída pela consoante lateral dental – [l] – modificada pela articulação secundária da palatalização. Como as consoantes palatalizadas possuem uma coloração de [j] ou [i], pelo estreitamento secundário do corpo da língua na região palatal, esse fenômeno é representado, na nossa transcrição, pelo dígrafo [lj]: ['filju] (filho), ['selja] (Célia), ['velja] (velha), [si'silja] (Cecília).

Registra-se, também, apenas a consoante lateral dental sem a modificação da palatalização: ['pala] (palha), [mu'le] (mulher), [mu'le] (mulheres).

Ainda, nesse mesmo contexto, nas classes mais baixas, ocorre a síncope da consoante lateral palatal, manifestando-se, para redução dos hiatos resultantes, uma

vogal assilábica como apoio entre as duas vogais, ou uma ditongação: ['fijo] (filho), ['fiw] (filho), [ba'ɾujjo] (barulho), ['gajju] (galho), [muɣ'je] (mulher), ['fajja] (falha), [kõ'sejjo] (conselho), ['ɔ] (olhe).

- (F) Quando em posição intervocálica, as articulações [r] e [ɾ] podem ser anotadas como *alofones livres* da *vibrante batida* (ou *vibrante simples*), e as articulações [r], [x], [ʀ], [h], como alofones livres da *vibrante rolada* (ou *vibrante múltipla*), havendo, portanto, nesse contexto, oposição distintiva entre o primeiro e o segundo grupo de articulações. Em qualquer outra posição que não a intervocálica, esses dois grupos de articulações não mais constituem oposição distintiva entre si, apresentando-se como *alofones cruzados – livres e contextuais –*, em que a possibilidade de presença dessas articulações é ditada pelo contexto: em posição final de sílaba, qualquer uma delas pode ser registrada, ocorrendo, também, o alofone 0; no entanto, na situação inicial de sílaba, incluem-se, como mais prováveis, os alofones da *vibrante rolada* e, como segundo elemento de um grupo consonantal, os alofones da *vibrante batida*.

NOTA – Em posição inicial de sílaba, [x] é a articulação mais frequente, registrando-se, também, várias realizações do alofone [r] nas classes mais baixas; [h] e [ʀ] figuram pouco, mesmo nos outros contextos. Anotamos poucas ocorrências do alofone [ɾ] em posição inicial de sílaba, apesar de não ser uma articulação esperada nesse contexto: [ˈɾãʝo] (rancho), [ɾejˈnãdu] (reinando), [ɾeˈmɛdju] (remédio).

- (G) O caractere [ʀ] é empregado para denotar tanto o som completamente *vibrante* com duas ou mais batidas da úvula – *vibrante rolada uvular* –, como o som de uma única batida – *vibrante batida uvular*.
- (H) A consoante laringal aspirada – [h] – aparece, eventualmente, como variante livre (em termos acústicos, distensa) da vibrante rolada e, também, acompanhando a pronúncia de vogais; neste último caso, a aspiração precede a emissão da vogal: [ha] (Ah), [haji] (Ai).

- (I) A consoante nasal palatal – [ɲ] –, à semelhança da lateral palatal, pode sofrer síncope, constatando-se a ocorrência, para reduzir o hiato daí resultante, de uma ditongação ou de uma vogal assilábica como apoio entre as duas vogais: [ˈmɨɲas], [ˈmjas], [ˈmijəs] (minhas).
- (J) O *clique* aparece com valor significativo, normalmente repetido duas vezes ou mais, valendo até por um enunciado [ɲi ɲi] ou [ɲu ɲu], equivalendo a "não" – ou, simplesmente, denotando hesitação na enunciação.
- (K) Realizações de vogais assilábicas, sobretudo pelos informantes das classes mais baixas, levaram-nos a distinguir dois tipos de som vocálico assilábico anterior (palatal) e dois de som vocálico assilábico posterior (velar): as vogais assilábicas anteriores localizam-se dentro do espaço perceptual limitado por [i] e [e], sendo [j] um som um pouco menos fechado que o [i], levemente centralizado, e [ɨ] um pouco mais fechado que o [e], levemente centralizado; as vogais assilábicas posteriores localizam-se dentro do espaço perceptual limitado por [u] e [o], sendo [w] uma realização um pouco menos fechada que o [u], e [ɔ] um pouco mais fechada que o [o].

Nem sempre o som assilábico aparece com valor fonêmico. Assim sendo, a combinação de vogal silábica e vogal assilábica pode constituir tão somente um ditongo fonético, que funciona como uma simples vogal. Sem valor fonêmico é o som assilábico que serve de apoio entre duas vogais, ou seja, que se insere entre as duas vogais de um hiato. Isso se dá, com maior incidência, quando a vogal antecedente é tônica (do ponto de vista perceptual, mais distinta) e/ou em elocução lenta, a qual desenvolve um som assilábico de mesmo grau de posicionamento: [ˈdija] (dia), [ˈlija] (lia), [maˈrija] (Maria), [ˈrijo] (rio), [saˈija] (saía), [ˈtija] (tia), [vaˈrija] (varia), [ˈvija] (via), [ˈbowa] (boa), [ˈbowwa] (boa), [ˈtuwa] (tua), [ˈvowa] (voa), [ˈvowwa] (voa), [ˈvuwa] (voa), [vuˈwɔnu] (voando), [ˈxuwa] (rua), [pareˈsijũ] (pareciam), [duˈwẽtj] (doente).

Na elocução mais rápida, isso não ocorre, podendo, até mesmo, haver ditongação, tornando-se assilábicas as vogais altas, mesmo quando acentuadas, o que é bastante raro: [ˈbwa] (boa), [ˈxwa] (rua), [ˈja] (ia), [ˈdja] (dia).

A fala bem pausada pode *desfazer um ditongo*, transformando-o em *hiato*, neste surgindo a *inserção de vogal assilábica*, o que também é bem pouco frequente: [ˈfoji] (foi), [ˈmajis] (mas).

Também sem valor fonêmico é a vogal assilábica que ouvimos em alguns ditongos nasalizados; trata-se de ditongos fonéticos, mas não fonêmicos, uma vez que a vogal assilábica é um som que acompanha a vogal nasalizada, não havendo naquela a possibilidade de distinguir signos. As vogais silábicas anteriores recebem vogais assilábicas anteriores, e as posteriores, vogais assilábicas posteriores: [ˈbẽ̃] (bem), [ˈʒẽ̃ʝi] (gente), [ˈlẽ̃bru] (lembro), [ˈtẽ̃] (tem), [tãˈbẽ̃] (também), [ˈvẽ̃] (vem), [ˈlẽ̃ta] (lenta), [ˈlĩ̃da] (linda), [ˈvĩ̃] (vim), [ˈbõ̃w] (bom).

Ainda, na elocução mais lenta, a vogal assilábica é incluída como som de transição (portanto, também sem valor fonêmico) entre uma vogal silábica e uma vogal assilábica, ocorrendo, nesse caso, a fase decrescente mais a fase crescente do ditongo (na elocução mais rápida, registra-se apenas a fase crescente): [ˈmejja] (meia), [paˈsejju] (passeio), [xeˈsejju] (receio), [xeˈkrejju] (recreio), [vajˈjarũ] (vaiaram), [ˈvejju] (veio).

(L) Não temos caracteres especiais para representar a realização fonética que todos os fonemas vocálicos apresentam em posição débil. Por conseguinte, a vogal silábica em posição tônica como em posição átona é anotada pelo mesmo caractere. Essa distinção não é significativa, por tratar-se de uma variação condicionada pelo acento da palavra e, como tal, determinada pelo contexto.

(M) O fonema /a/, apresentado como *vogal silábica central aberta*, possui *variantes combinatórias*: articulação *palatal* e articulação *velar*. Por serem diferenças fonéticas determinadas pela ambiência, são contadas como o mesmo som, sendo representadas pela mesma letra **a**.

(N) Distinguimos dois graus de *vogais nasalizadas*: as *vogais nasalizadas para menos* – grau 1 (chamada O da tabela) e as *vogais nasalizadas para mais* – grau 2 (chamada N da tabela), sendo alofônica, nos dois casos, a nasalização da vogal. Assim sendo, não se encontram vogais nasais nas representações fonêmicas, *as vogais não-nasais tornando-se, nos dois casos, foneticamente nasalizadas, quando adjacentes a um segmento nasal.*

*Na nasalização para mais, na representação fonêmica, a vogal não-nasal está seguida, na mesma sílaba, de um segmento especificado apenas como [+ nasal] (na terminologia estruturalista, arquifonema de travamento nasal). Isso porque, nesse contexto – em posição final de sílaba –, os segmentos nasais – /m/, /n/, /ɲ/ –, que contrastam em posição inicial de sílaba, sofrem o processo de neutralização, com redução das suas possibilidades distintivas. Podemos pensar aqui, com Schane (1975, p. 89), numa interrelação entre neutralização e assimilação: se o segmento nasal, no ambiente de neutralização, quando manifestado, se torna homorgânico, por assimilação, do fonema subsequente ou do fonema antecedente, então, as consoantes nasais com diferentes zonas de articulação não mais podem contrastar nesse ambiente; deixando de haver distinção nesse ambiente, em nível de abstração, só permanece o traço [+ nasal]. Propomos a seguinte explicação desse processo de nasalização:<sup>2</sup> o segmento nasal incompletamente especificado no nível de abstração, ao manifestar-se, nasaliza a vogal antecedente e, simultaneamente, de acordo com determinadas condições de contexto, ou é suprimido – [ˈlã] (lã), [ˈdãw̃] (dão) –, ou especifica-se por assimilação ao segmento subsequente – assimilação regressiva – ou ao segmento antecedente – assimilação progressiva. Em caso de assimilação, pode registrar-se, como *som nasal de transição*, de *apoio*, ou de *prolongamento*:*

---

<sup>2</sup> A nossa explicação se assemelha, em parte, a de Mateus (1975, pp. 55-6), dela se distanciando no que diz respeito ao fato de não chegarmos ao nível maior de abstração da fonologia gerativa – representação subjacente – e de não incluirmos, num mesmo processo, os vários graus de nasalidade das vogais do português.

- a) *uma consoante nasal homorgânica do segmento subsequente*: o segmento nasal, quando seguido de consoante oclusiva, não é suprimido, mas especificado por assimilação a essa consoante. A nossa transcrição indica, nesses casos, apenas o grau principal do fenômeno da nasalidade, não incluindo esses sons nasais de transição pouco perceptíveis, por serem traços automáticos do mecanismo vocal – [ˈtãta] (tanta).
- b) *uma vogal assilábica de mesmo grau de posicionamento da vogal antecedente*. Pode atribuir-se a *ditongação* daqui resultante a uma tendência do traço [+ nasal] de aumentar a duração do segmento vocálico – [ˈtẽ̃] (tem), [ˈvĩ̃] (vim), [ˈbõ̃w] (bom) –, acrescida, nos casos de *hiato*, da tendência da língua portuguesa de desfazê-lo, podendo, neste último caso, repetir-se a vogal assilábica na elocução mais lenta, do que resulta a fase decrescente mais a fase crescente do ditongo – [ˈtẽ̃ § ju] (tem o)<sup>3</sup>.

Como o *segmento nasal pós-vocálico incompletamente especificado* na representação fonêmica não se manifesta foneticamente, a não ser como *som nasal de transição*, a estrutura silábica do nível de abstração com três consoantes pós-vocálicas na mesma sílaba, como em /ˈg RaWNS/ (grãos), não contraria a tendência da língua portuguesa de chegar à estrutura silábica mais simples da sílaba aberta, pelo contrário, justifica. Ou, então, porque não admitir a seguinte solução: /ˈgRaNUS/ – o segmento incompletamente especificado /N/ nasaliza a vogal antecedente – *assimilação regressiva* – e é suprimido; para desfazer o *hiato* resultante, há modificação do traço silábico da vogal da segunda sílaba, passando para assilábica e sendo nasalizada pela vogal antecedente – *assimilação progressiva*.

- (O) Na nasalização para menos, a vogal não-nasal da representação fonêmica, contínua a uma consoante nasal na sílaba subsequente, pode, foneticamente, ser nasalizada pela consoante – *assimilação regressiva*. Tal processo de nasalização se verifica, sobretudo, quando a vogal não-nasal diante de consoante nasal está em sílaba

---

<sup>3</sup> § indica fronteira de palavra.

realçada – [ʼamu] (amo) – e/ou entre consoantes nasais –[miˈniɲu] {menino) –, mas, mesmo nesses contextos, há a possibilidade de variação livre; trata-se, portanto, de nasalização alofônica mista – livre e contextual. Em sílabas não-realçadas, diante de consoante nasal da sílaba seguinte, também existe variação livre entre vogal não-nasalizada e vogal levemente nasalizada, só que, neste contexto, a nasalização é menos frequente – [aˈmadu] (amado).

NOTA - Lembramos as posições divergentes dos estruturalistas com relação à nasalidade das vogais no português do Brasil:

a) A primeira corrente distingue, como faz Mattoso Camara (1953, pp. 89-97 e 114; 1970, pp. 36-7 e 50),

- nasalidade fonológica (nasalidade que funciona para distinguir formas da língua) – decorrente da constituição da sílaba – a vogal nasal é entendida "como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal". "O que dá status fonológico às oposições minto : mito, junta : juta etc.," é o travamento da sílaba pelo arquifonema nasal e não a "ressonância nasal na emissão da vogal". Por conseguinte, o traço distintivo da nasalidade pertence ao arquifonema nasal e não à vogal;

- possível nasalização puramente fonética de uma vogal por assimilação à consoante nasal da sílaba seguinte, no mesmo vocábulo (nasalação que não funciona para distinguir formas da língua): "pronúncia levemente nasal da primeira vogal de ano, ou de cima, ou de uma, ou de tema etc."

b) na segunda corrente, a nasalidade é interpretada como traço distintivo pertencente à vogal, opondo-se, como fonemas distintos, as vogais nasais às não-nasais. É a posição de Back (1973, pp. 297-316) que, após discutir os argumentos apresentados por uma e outra das duas correntes, confere às vogais nasais do português o estatuto de fonemas, numa teoria que inclui os dois tipos de nasalidade apresentados pela primeira corrente.

A fonologia gerativa também procura explicar a presença do traço nasal que se manifesta nas vogais no nível de superfície. Ver, a propósito, Mateus (1975, pp. 43-71) e Schane (1975, pp. 42 e 89).

As nossas transcrições não incluem as *variações fonéticas exclusivamente contextuais* – variações decorrentes da influência dos sons contíguos ou próximos do fonema

numa enunciação dada –, como o ensurdecimento de vogal entre consoantes surdas, a articulação enfraquecida das consoantes intervocálicas, a fricativação das oclusivas sonoras em posição intervocálica e os outros casos arrolados nas chamadas (B), (L), (M), feitas nas colunas da tabela. Também não incluem as *transições de um som para o que se lhe segue, quando determinadas, unicamente, pela ambiência* – chamada (N) da tabela. Nesses dois casos, *as variações são automáticas, porque condicionadas pela vizinhança, e, como tal, previsíveis, não sendo, por conseguinte, portadoras de informação.*

As *variantes puramente estilísticas* – diferenças determinadas pelo estado emocional ou pelo desejo de impressionar o receptor –, como o prolongamento da articulação de uma vogal, não foram anotadas.

Procuramos registrar *variações fonéticas cruzadas (ou mistas) – livres e contextuais*: casos em que o alofone posicional apresenta a possibilidade de variação livre dentro do contexto em que ocorre, ou seja, outras realizações podem substituí-lo nesse contexto, sem haver diferença no sentido denotativo da palavra – chamadas (A), (C), (D), (F), (O) da tabela. Também foram registradas *variações fonéticas livres (facultativas)* que pudemos verificar para um mesmo fonema, conforme o indivíduo, ou num mesmo indivíduo, conforme a ocasião, como, por exemplo, as correspondentes à chamada (F) da tabela. *Nas variações fonéticas cruzadas, como nas livres, as diferenças alofônicas são, respectivamente, parcial e totalmente imprevisíveis e, por isso mesmo, significativas.* Ainda, aqui, a seleção das variações foi baseada no princípio de evitar-se diferenciação em excesso, sendo os alofones classificados em unidades mais manejáveis, de modo a nenhum deles estar tão perto de outro a ponto de ser prejudicada a distinção.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Reconhecemos que os aspectos tratados nesta seção, relativos aos alofones, merecem uma análise mais consistente, que tencionamos realizar em estudos posteriores. Neste trabalho, não sendo nossa intenção proceder a uma exaustiva análise crítica dos mesmos, damos-lhes um tratamento que não ultrapassa o nível da simples descrição, apresentando-os mais como pontos observáveis na transcrição fonética do que os analisando em profundidade.

Estudando a *fronteira vocabular*, somos conduzidos a operar com dois outros processos: o *silábico* e o de *acentuação*. Isso nos levou a segmentar as sequências vocabulares transcritas foneticamente em suas unidades constituintes que levam o nome de *sílabas*, sendo a sílaba tônica marcada com um apóstrofo a ela antecedente.

É fato conhecido que a *sílaba*, muito embora seja uma *realidade percebida intuitivamente pelos falantes*, oferece problemas para a sua definição e, conseqüentemente, para a sua demarcação. Servindo a sílaba e a tonicidade como ferramentas para o nosso estudo, auxiliando-nos na tarefa de descrever e explicar as *condições em que se processam os encontros de unidades lexicais*, não cabe discutir, nesta ocasião, os diferentes pontos de vista para a definição da sílaba (acústico, articulatório, funcional), nem os problemas para a sua delimitação daí decorrentes. Esses aspectos já foram analisados por Aubert (1975) em uma aplicação que faz da teoria silábica geral ao sistema particular do português. Após apresentar e discutir diversas teorias silábicas, Aubert conclui (p. 16):

Assim, a sílaba é essencialmente uma unidade formal, de 2ª articulação, delimitada por junturas (X), e contendo pelo menos um constituinte obrigatório (C), admitindo também constituintes facultativos (MI e MF). A cada constituinte corresponde uma classe de unidades distintivas, podendo-se ainda discriminar sub-classes de comportamento ao interior de cada classe.

O *acento*, elemento *prosódico* ou *suprasegmental* – porque superposto a um ou mais segmentos (vogal ou sílaba) –, opõe as sílabas umas às outras. O relevo dado a uma sílaba pode efetuar-se por meio de uma maior intensidade de emissão da sua vogal (maior força expiratória), o que caracteriza o *acento de energia* (ou *acento de intensidade*, *acento dinâmico*, *acentoônico*, *acento expiratório*), ou por uma variação da altura melódica devida a um aumento ou diminuição da frequência de vibração das cordas vocais – *acento de entonação* ou *tom* (ou *acento musical*, *acento melódico*, *acento de altura*). Na língua portuguesa, as diferenças melódicas são, sobretudo, importantes para a fonética da frase, não sendo empregadas para distinguir uma palavra de outra. Já o lugar do acentoônico em nossa língua, não sendo fixo, serve, eventualmente, para distinguir significações. Operamos com a *sílaba realçada*, sabendo que, na sua manifestação, podem intervir, concomitantemente, o prosodema *altura*, o prosodema *duração* e o prosodema *intensidade*, e tomamos a *palavra* como *unidade acentual*. Não

estudamos a acentuação no nível da frase, em primeiro lugar, porque não nos sentimos em condições de determinar as suas pautas acentuais, dada a velocidade normal da fala e os nossos poucos conhecimentos nessa matéria; em segundo lugar, porque procuramos estudar a influência do acento no comportamento combinatório das unidades léxicas na cadeia da fala.

Atuando com a acentuação no *nível da palavra*, atribuímos o *acento tônico* a uma vogal dentro de cada palavra – nos limites de duas fronteiras de palavra – e o *não-acento* a todas as outras vogais, contrastando, assim, a *sílaba acentuada* ou *intensiva – tônica* – com a(s) *sílaba(s) inasentuada(s)* ou *não-intensiva(s) – átona(s)*. Dessa forma, consideramos só o *acento primário (principal)* das palavras tomadas isoladamente, ignorando os graus de acento fonético intermediários entre o acento primário e a ausência de acento, os chamados *acentos secundários*.

Porém fonologicamente, só tem pertinência o contraste entre sílaba acentuada e sílaba átona, contraste que, estabelecido numa ordem determinada, (...) pode ser distintivo de significações diferentes. Não se dá nunca uma distinção que tenha como base a oposição entre dois esquemas acentuais diferenciados só por um acento secundário. (...) no terreno da fonologia da palavra como símbolo ou representação (*Darstellung*), não há outro traço pertinente além dos contrastes estabelecidos entre sílaba acentuada e sílaba átona, seja qual for o elemento fonético que predomine na realização do chamado *acento* (pois não é só nem sempre a intensidade a que aparece em primeiro plano.) (ALARCOS LLORACH, 1968, p. 204)

Nas *palavras compostas*, em que apenas um dos acentos primários se mantém (o acento primário na última sílaba realçada), reduzindo-se o outro a acento secundário, também só assinalamos o acento principal.

Em cada palavra, há, por conseguinte, um só *prosodema intensivo*, que contrasta com os demais suportes silábicos não-intensivos da mesma palavra. Como já lembramos, na língua portuguesa – língua de acento móvel (livre) –, *a posição do prosodema intensivo dentro da palavra é variável*, havendo vocábulos cujo acento tônico incide sobre a última, penúltima, antepenúltima e até quarta-última sílaba e, como tal, o *lugar do acento*, ou seja, a sua distribuição no corpo da palavra, serve, eventualmente, para *distinguir significações*. Observe-se que não é o acento em si que tem valor distintivo, pois se trata de um único acento, mas a sua posição no interior da unidade lexical.

Assim, o português apresenta numerosos pares de palavras cuja diferença repousa unicamente no lugar do acento: *acabará / acabara, análise / analise, ânimo / animo, cálculo / calculo, dúvida / duvida, virá / vira* etc.

Nas *palavras monossilábicas*, não existindo contraste entre uma sílaba culminativa e as demais não-intensivas, a correlação acentual distingue: *palavra suscetível de ser acentuada na frase / palavra não suscetível de acento*, sendo essa única diferença capaz de distinguir pares de monossílabos: *dá / da, dê / de, lá / la, pôr / por, quê / que*.

NOTA 1 - As interjeições monossilábicas são tratadas como não-marcadas quanto à tonicidade, pois o valor de cada forma interjetiva depende do contorno melódico e não do acento.

NOTA 2 - Alguns pares de dissílabos se opõem pela presença / ausência de tonicidade: *pára / para, pelo / pêlo, porquê / porque*.

NOTA 3 - Não assinalamos sílaba tônica para os cortes de palavra.

O acento lexical tem *função demarcativa* nas línguas em que seu lugar não é livre: afetando, como em francês, sempre a última sílaba, indica o fim da palavra; em tcheco, em que recai sempre na primeira sílaba, indica o começo da palavra. Para estudar a função desse acento na *demarcação das fronteiras entre palavras – junturas – da língua portuguesa*, em que a sua posição é móvel, estabelecemos vários códigos – de 02 a 101 (excluímos 01 que assinala a pausa real) –, correspondentes a diferentes manifestações de encontros vocabulares. Essa notação marca as unidades lexicais que se encontram na cadeia da fala, posicionando-se, por isso, antes – juntura sílaba inicial – e após – juntura sílaba final – a palavra transcrita foneticamente. Assim sendo, a nossa transcrição fonética *não representa apenas o que ouvimos*, mas, por apresentar uma notação de encontros vocabulares, traz, além do *continuum* fônico, uma análise prévia dos mesmos.

### **Campos juntura sílaba inicial / juntura sílaba final**

Os campos juntura sílaba inicial / juntura sílaba final trazem a anotação de cem categorias de encontros fônicos intervocabulares, codificados pela ordem de ocorrência na fase inicial de transcrição fonética e resultantes da observação do comportamento da juntura externa à palavra – juntura intervocabular.

O campo *juntura sílaba inicial* reflete o comportamento da sílaba inicial de uma palavra com a sílaba final da palavra antecedente, e o campo *juntura sílaba final*, da sílaba final de uma palavra com a sílaba inicial da palavra subsequente.

A fronteira vocabular vem, por vezes, marcada, na realização, por uma pausa – pausa real ou pausa realizada (anotada com 1 no campo *juntura sílaba final*). Há casos em que, apesar de não ser realizada como pausa, a fronteira vocabular é respeitada na fonação. Esses casos opõem-se a outros em que a separação vocabular é eliminada na fonação, em favor de uma integralização fônica entre as palavras adjacentes. As modificações fônicas envolvem de dois até, no máximo, quatro vocábulos.

Quando se observa a interrelação *estrutura fonêmica / estrutura fonética* no que diz respeito à juntura lexical, nota-se a existência de certa coerência e simplicidade de funcionamento interno diante da multiplicidade externa de diferentes modalidades de encontros fônicos vocabulares. Isso nos permite agrupar as cem categorias de juntura em duas classes, a segunda delas subdividida em duas subclasses.

### **Classe A – Juntura intervocabular com marcas fonológicas**

A fronteira vocabular é respeitada na fonação, ou seja, *as marcas fonêmicas realizam-se através de marcas fonéticas*: coincidência entre limite silábico e limite vocabular e ausência de alterações por influência de sons contíguos intervocabulares. Incluem-se, nesta classe, as seguintes categorias: 11, 37, 41, 62, 89, 101.

### **Classe B – Juntura intervocabular com anulação de marcas fonológicas**

#### **Classe B – grau 1 – Juntura intervocabular com anulação parcial de marcas fonológicas**

A fronteira vocabular é desrespeitada, parcialmente, na fonação, ou seja, *as marcas fonêmicas mantêm-se parcialmente*: a marca fonêmica da coincidência entre limite silábico e limite vocabular perdura foneticamente, sendo anulada a marca fonêmica da ausência de modificações por influência de segmentos adjacentes intervocabulares. Essas alterações

podem afetar a sílaba final e/ou inicial dos vocábulos justapostos<sup>5</sup>: 38 (SI), 39 (SF), 40 (SF – SI), 46 (SF – SI), 48 (SF), 50 (SF), 58 (SF – SI), 78 (SF – SI), 87 (SI), 95 (SF), 100 (SF).

### **Classe B – grau 2 – Juntura intervocabular com anulação total de marcas fonológicas**

A fronteira vocabular é desrespeitada, totalmente, na fonação, ou seja, *nenhuma das marcas fonêmicas realiza-se foneticamente*: verificam-se alterações determinadas por influência de segmentos contíguos intervocabulares, que têm por efeito anular a coincidência entre limite silábico e limite vocabular. As categoriais desta classe, pela superposição de duas, três, até quatro sílabas intervocabulares, envolvem de dois até no máximo quatro vocábulos justapostos:

- Dois vocábulos: 02 (SF<sup>6</sup>), 03 (SF), 04 (SI), 05 (SF), 06 (SF), 07 (SF), 08 (SF), 09 (SI), 10 (SI), 12 (SI), 13 (SF), 14 (SF), 15 (SF), 16 (SI), 17 (SF), 18 (SF), 19 (SF), 20 (SI), 21 (SF), 22 (SF), 23 (SF), 24 (SF), 25 (SF), 26 (SF), 27 (SF), 28 (SF), 29 (SF), 30 (SI), 31 (SF), 32 (SF), 42 (SF), 43 (SF), 44 (SI), 45 (SF), 47 (SF), 51 (SF – SI), 52 (SF), 54 (SF), 56 (SF), 57 (SF), 59 (SF), 65 (SF), 67 (SF), 70 (SF), 72 (SF), 73 (SF), 77 (SF), 79 (SF), 80 (SF), 81 (SF), 84 (SI), 85 (SF – SI), 86 (SF), 88 (SF), 91 (SF), 93 (SF), 94 (SI), 97 (SF – SI), 99 (SF – SI).

- Três vocábulos: 33 (SF – SI), 34 (SF – SM), 35 (SF – SI), 36 (SF – SM), 49 (SF – SM), 53 (SF – SM), 55 (SF – SM), 60 (SF – SM), 61 (SF – SM), 63 (SF – SM), 64 (SF – SI), 66 (SF – SM), 69 (SF – SM), 71 (SF – SM), 74 (SF – SI), 75 (SF – SI), 76 (SF – SI), 82 (SF – SI), 83 (SF – SI), 90 (SF – SM), 92 (SF – SM), 96 (SF – SM – SI), 98 (SF – SI).

- Quatro vocábulos: 68 (SF – SM – SM)

NOTA – Para a transcodificação do *corpus* oral para o *corpus* escrito ortográfico e fonético, no intuito de lograr uma observação, na medida do possível, precisa e correta, ouvimos cada gravação atentamente e repetidas vezes, sempre com o auxílio de pelo menos dois ex-alunos do curso de graduação em Letras da Faculdade de Filosofia de Itu. Apesar de todo o nosso esforço de atenção e dos cuidados que tomamos, há lapsos, tanto de audição das fitas sonoras, como de transcrição.

---

<sup>5</sup> As sílabas que contêm os segmentos que sofrem alteração aparecem indicadas entre parênteses.